
O ALMANACH DO PARANÁ E O DESEJO DE FUNDAR UMA IDENTIDADE

The "*Almanach do Paraná*" and the Desire to Establish an Identity

Marilene Weinhardt¹

RESUMO: O *Almanach do Paraná* circulou entre 1896 e 1913, tendo por objetivos oferecer esse tipo de periódico à população do estado e difundir os valores do movimento que se autodenominou Paranismo. A presente abordagem procura apreender as estratégias mobilizadas para criar uma identidade própria para o habitante do estado, bem como detectar o modo como se buscou conjugar as características inerentes a esse tipo de publicação à singularidade decorrente dos efeitos desejados.

PALAVRAS-CHAVE: *Almanach do Paraná*; História do Paraná; Paranismo.

ABSTRACT: The *Almanach do Paraná* circulated between 1896 and 1913, aiming to provide this type of publication to the population of Paraná state and spreading the values of the movement that called itself "Paranismo". The present approach seeks to grasp the strategies employed to create an identity for the state's inhabitants, as well as to identify how the inherent characteristics of an almanac were combined with the uniqueness resulting from the desired effects.

KEYWORDS: *Almanach do Paraná*; History of Paraná; Paranismo.

Para comentar o *Almanach do Paraná*, quanto às características da publicação e à função que exerceu, convém começar por dois assuntos históricos correlatos: a criação da Província e o cultivo da estética simbolista.

O Paraná foi a última província desmembrada no período imperial. Até meados do século XIX, a região constituía a 5ª Comarca de São Paulo. Já então contava com núcleos urbanos seculares. A Vila de Nossa Senhora do Rosário de Paranaguá data de 1648, tendo sido elevada a cidade em 1842 (EL-KHATIB, 1969, p. 211). A povoação de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais foi elevada a Vila em 1693, "ascendendo a cidade, com o nome de Curitiba", no mesmo ano em que Paranaguá alcançou essa condição (EL-KHATIB, 1969, p. 87). Há outras povoações da região elevadas a cidades mais ou menos contemporaneamente. Para a abordagem de manifestações dos primeiros decênios do século XX, não é relevante comentar as divisões

¹ Universidade Federal do Paraná (UFPR) / CNPq.

internas atuais e suas variações culturais. Basta considerar que o litoral e parte do primeiro planalto, o chamado Paraná tradicional, conforme expressão adotada por historiadores, eram povoados desde o século XVII (PILATTI et al., 1969, s/p). Interesses e negociações políticas, iniciadas em 1843 pelas bancadas mineira e baiana, levaram à criação da Província do Paraná, em decreto de 19 de dezembro de 1853. O baiano Zacarias de Góes e Vasconcelos foi nomeado seu primeiro presidente. Fica evidente que, à época, não ocorreu um movimento significativo de caráter local para alcançar a emancipação (PILATTI et al., 1969, p. 102-109).

Já é lugar comum na história da literatura referir a aclimação e o duradouro curso, no Paraná, do movimento literário da virada do século XIX para o XX, o Simbolismo. Reuniu-se na região expressivo número de adeptos dessa estética, nascidos ou não no Paraná. Entre os paranaenses, alguns moraram, por tempo mais ou menos longo, como estudantes ou em atividades profissionais, na então capital da nação, ou na vizinha São Paulo, que já se constituía como um dos polos culturais do país. Mas foi sobretudo em Curitiba que se centralizou sua produção, sob a liderança de Dario Veloso (MARTINS, 1978, p. 279; 410-416).

Entre a última década do século XIX e a primeira do século XX, vieram à luz em Curitiba várias publicações de feição simbolista, no conteúdo e na apresentação gráfica. Massaud Moisés listou 16 títulos, alguns de duração efêmera, outros duradouros, como fica evidente no registro das datas de publicação. Quase todos os nomes antecipam o clima espiritualista, com eco esotérico. A primeira foi a revista *Club Curitibano* (1890-1900), seguida de *O Artista* (1892), *Revista Azul* (1893), *O Cenáculo* (1895-1897), *Galáxia* (1897) – o pesquisador a qualificou como a mais importante –, seguindo-se *A Penna* (1897), *Jerusalém* (1898), *O Sapo* (1898) – único título que comportava tom irônico, referindo a uma alcunha da cidade, Sapolândia, pela quantidade de brejos que permeavam o espaço urbano –, *Esphinge* (1899), *Pallium* (1898), *Turris Ebúrnea* (1900), *Breviário* (1900), *Azul* (1900), *Acácia* (1901), *Stellario* (1905-1906) e *Victrix* (1907) (MOISÉS, 1973, p. 81).

Na revista *Pallium*, na última capa do número 2, apareceu matéria publicitária divulgando o *Almanach do Paraná* para o ano de 1899, publicado pela Livraria Econômica, identificado como “Commercial, indicador, recreativo, charadístico e litterario”. O anúncio remetia ao segundo número do *Almanach do Paraná*, cujo lançamento se dera em 1896. A Hemeroteca Digital Brasileira disponibiliza 15 números (1896-1923). Nessa coleção falta o número correspondente a 1907. A publicação não se deu de forma rigorosamente regular ao longo dos anos, conforme se detalha adiante. Quanto à fortuna crítica, sites de busca apresentam dois estudos sobre o periódico. Um artigo (BRASIL, s/d) traz descrição que se pode qualificar

como técnica, uma espécie de verbete. O segundo estudo, uma comunicação apresentada em evento da ANPUH-PR, inicia com detalhadas informações sobre modos de funcionamento e função dos almanaques, para situar o papel do *Almanach do Paraná* na construção do paranismo, intenção anunciada no título do texto (FIUZA; DUTRA, 2022).

Para investigação sobre almanaque desenvolvida na área das Letras, parece bastante óbvio que, depois de breve descrição do todo, o foco recaia sobre a abordagem da indefectível produção literária. Aliás, o *Almanach* comportava uma seção denominada precisamente “Parte Literária”. No entanto, leitura rápida dessa seção evidenciou que refletia, em grande parte, a produção simbolista, já bastante conhecida. Evidentemente, há possibilidade de se fazer levantamento dos textos e comparar com o que já fora publicado em volume, com o que era inédito à época, localizando-se quando e como viria a ser publicada em outro suporte. É muito provável que alguns textos nunca tenham voltado a aparecer, sobretudo aqueles de autoria feminina. Vale registrar que existiam!

Tal opção conduziria a outros resultados. Aprenderia uma faceta do material bastante clara, se é que cabe identificar clareza em produção simbolista. Mais adequado dizer definida. No entanto, adotar esse viés deixaria na sombra o outro lado que caracteriza o *Almanach*, justamente o que pugnaria pela precisão. Trata-se do positivismo, cuja representatividade no Paraná, já beirando o folclore, talvez só tenha sido superada, em termos nacionais, pela presença da doutrina de Augusto Comte no Rio Grande do Sul. É célebre uma passagem irônica de conto de Dalton Trevisan, publicado originalmente em 1968: “Viajo Curitiba das conferências positivistas, eles são onze em Curitiba, há treze no mundo inteiro” (TREVISAN, 1992, p. 7-9).

É nesse caldo de cultura, entre alta dose de contribuição da estética simbolista, tão dada à espiritualidade, face a ingrediente igualmente pesado, o positivismo, que se queria científico por excelência, que se produziu o *Almanach do Paraná*, confessadamente um agente do Movimento Paranista desde o início, ou sobretudo no início. A economia da região era eminentemente agrária, com a porção de intelectualismo tensionado por essas duas forças antípodas, aparentemente em conjunção no grupo duro da produção cultural. Não existia um *ethos* paranaense, um modo de ser que singularizasse o habitante do estado. Sob a liderança do político, escritor e historiador Romário Martins (1874-1944), não por acaso redator do *Almanach* por logo tempo, idealizou-se o movimento denominado paranista. Distingue-se o paranaense do paranista por ser aquele resultado de circunstâncias fortuitas de nascimento, enquanto o último é aquele que se identifica com uma identidade e pugna por ela.

À vista desse cenário cultural, representou maior atrativo o exame do material de uma perspectiva panorâmica. De imediato chamou a atenção a

variedade de assuntos, a forma como se tentava atender aos interesses de diferentes classes sociais e culturais, garantindo o interesse do leitor apenas alfabetizado, fosse grande proprietário ou trabalhador, mas nem por isso deixando de ter também como alvo o político, o historiador e até o literato, simbolista, óbvio. Pela proposta e pelo período pelo qual se estendeu a publicação, pode-se acompanhar a história da cidade e do estado se fazendo, ao mesmo tempo que é possível apreender como se deu a tentativa de achar o modo e o tom de fazer um almanaque. Redefiniu-se, assim, os rumos da abordagem.

A capa do número de lançamento evidencia o rebuscamento gráfico, herança simbolista:



O segundo número só apareceu em 1899. A partir de então, seguiu anualmente até 1909, sofrendo interrupção por dois anos. O número de 1912 explicou a interrupção como causada por “grandes affazeres das officinas da Livraria Economica” (1912, s/p). A retomada seguiu por mais um ano e foi novamente suspensa, totalizando 14 volumes. A diagramação da capa mudava de um ano para outro, com variada dose de inovação. Quanto à extensão, de início contava com quase duzentas páginas, alcançando quadro centenas no terceiro ano, número que decresceu um pouco na continuação. Romário Martins permaneceu como redator até o sétimo ano. A partir de 1905, Correia

Neto assumiu a função e nos dois anos finais desapareceu a especificação do cargo, indicando-se apenas que Alcides Munhoz era responsável pela organização. Em 1929 foi lançado um número com o mesmo título, mas em nada, além das características rotineiras de almanaque, se assemelhava ao precedente. Deve ser fruto do acaso, se não de tentativa de se aproveitar da tradição. Não se levou em conta o volume nesta leitura.

No texto de apresentação, intitulado “Duas palavras sobre o Almanach do Paraná”, na linguagem preciosista do fim do século, o redator anunciava:

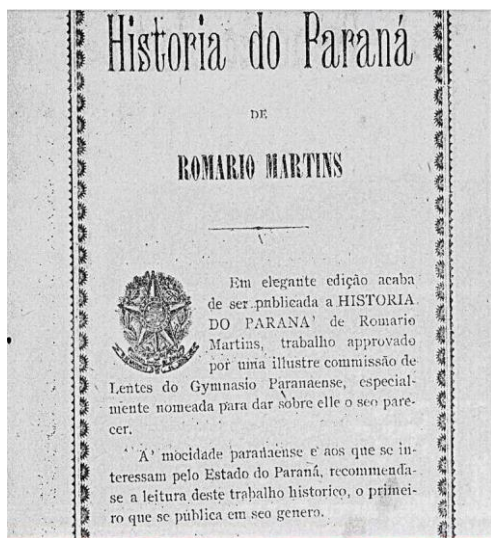
Antes de tudo, - este almanaque é essencialmente Paranaense. Na ausência de outro mérito que o recomende, saibam os Paranaenses apoiá-lo em atenção ao menos, já não diremos à audácia da tentativa, mas à vontade que tivemos de tornar o “Almanach do Paraná” genuinamente paranaense. (1896, s/p.)²

Essa intenção fundadora foi marca forte ao longo do período em que Romário Martins permaneceu como redator. Textos sobre história do Paraná são abundantes, muitos do próprio redator, que por essa época preparava o volume *História do Paraná*. A obra manteve-se como principal referência por longo período. Em 1899, em página publicitária, foi anunciada a publicação, “brevemente”:



² Nesta e na demais transcrições a grafia foi atualizada.

No ano seguinte houve o anúncio do lançamento:



Vale notar a diferença entre os textos. A intenção ideológica e confessada sem disfarce do anúncio foi modulada na notícia do lançamento, para destacar a aprovação dos pares, atestando-se assim a qualidade acadêmica, e o ineditismo.

Outra característica da publicação é a presença acentuada de artigos sobre produtos que sustentam a economia da região. O pinheiro do Paraná, a *araucaria angustifolia*, aparece insistentemente, seja louvando sua beleza majestática, seja comentando os efeitos do consumo do pinhão, seja tratando da importância das serrarias e mesmo das possibilidades de aproveitamento do nó de pinho (pedaços da árvore em que o galho se insere no tronco). O potencial da exploração dessa madeira típica da região faz o horror da ecologia hoje, mas é sabido que a extração e a indústria do pinheiro foi o carro-chefe da economia paranaense até, pelo menos, meados do século XX. Outro produto que mereceu longos textos, tanto sobre a exploração como sobre a comercialização, inclusive com notícias sobre a exportação para outros países, como Uruguai e Chile, foi a erva-mate. No final do século XIX e início do XX, grandes fortunas locais foram amalhadas com o processamento e a comercialização da *ilex paraguariensis*.

Madeira, seja de pinho ou imbuia, e erva-mate, nesse período e no espaço paranaense, eram atividades extrativistas, não cabia falar em cultivo. E mais: eram assuntos que interessavam aos capitalistas de então, aos grandes proprietários. Durante alguns anos o *Almanach* registrou intensa discussão

sobre cultivo de uva, também de interesse de industriais, mas eventualmente alcançando pequenos proprietários de terras. Condenava-se a variedade até então existente na região, e se fazia campanha pela importação e cultura de cepas de outras variedades, que permitiriam produzir vinho de boa qualidade, tema ainda atual no estado. O cultivo de café apareceu timidamente, já nos últimos anos da publicação, focalizando área geográfica que começava a ser desbravada. O café, por razões climáticas, só foi cultivado no norte do estado, região que seria bastante ocupada no início do século XX.

A intenção de qualquer almanaque é alcançar grande leque de leitores. As matérias habituais desse tipo de publicação não ficavam em segundo plano. Aparecia não só indicação da época propícia para plantio de cada espécie vegetal, sobretudo aquelas de subsistência, como também conselhos sobre como alcançar produção melhor de hortifrutigrangeiros. No mesmo plano, havia conselhos de diversas ordens para as donas-de-casa.

A publicidade veiculada no *Almanach do Paraná* merece estudo específico, por profissionais habilitados não apenas na área de comunicação. O material é rico em relação a *layout*, diagramação, tipos gráficos, modalidades de textos, por vezes muito longos, descritivos. A historiadores e sociólogos interessariam tipos de produtos anunciados, portanto produzidos e consumidos à época, além do saboroso vocabulário de então, relevante para os estudiosos da linguagem. Um exemplo dos mais interessantes é a uma variedade de expressões, pouco usuais hoje, para chamar a atenção para os preços dos produtos. Além de expressões que continuam corriqueiras, como “preços mais vantajosos”, “preços módicos”, não economizando nos superlativos – “preços modicíssimos”, “preços baratíssimos”, “preços limitadíssimos”, preços moderadíssimos” – há aquelas que parecem pautadas pela honestidade comercial, como “preços fixos”, “modicidade em preços” e “preços razoáveis”. Encontram-se ainda “preço da maior conveniência” e “preços resumidos”. Uma variante de “preço ao alcance de todos” é a expressão que parece mais original, ou datada, aos ouvidos de hoje: “preço ao alcance de todas as algibeiras”. A expressão mais recorrente é a que mais chama a atenção pela estranheza: “preços sem competência”. As páginas de anúncios eram agrupadas no final do volume. Nas páginas centrais o único anúncio comercial que aparecia era da Livraria Econômica, cuja gráfica publicava o almanaque, a cada vez variando os produtos ofertados. Vale um exemplo de publicidade dessa casa, pela graça, a paródia do padre-nosso, publicada em 1900 (s/p):

PADRE NOSSO da *Livraria Economica*. — Freguezes nossos que estaes em casa, antes de entrardes em outra livraria vinde ver o nosso sortimento; venha a nós a vossa preferencia, assim em livros como em papelaria; seja feita a vossa vontade, assim na qualidade como no preço. As vossas encommendas nos dai hoje. Perdoai as vezes algumas *buchas*, assim como nós vos perdoamos a vossa caceteação. Amen.

O preenchimento de espaços se fazia por aforismos, dísticos, provérbios, versos, ditos de autores renomados. Apenas nos últimos anos as peças publicitárias foram distribuídas ao longo do volume, ainda assim em sequência, formando pequenos grupos. O aumento progressivo de anúncios dá indícios tanto do aumento na produção e no comércio locais como da credibilidade que o almanaque alcançava.

Análise conjugando a publicidade a outra seção do corpo do volume daria subsídios para estudo sobre vários aspectos da cultura da época: o tipo de manufaturas que se produzia, as profissões correntes, os hábitos de consumo, enfim, sobre o que a sociologia chama costumes. Trata-se de listagem contendo nomes de indivíduos por categorias profissionais, de indústrias pelo tipo de produção e de casas comerciais por gêneros comercializados, tudo na mesma sequência. Alguns desses itens valem nota, do ponto de vista sociológico, pelos indícios que expressam. Por exemplo, entre médicos e advogados há predomínio, quando não exclusividade, de nomes de origem ibérica, em um tempo em que a população descendente de alemães e italianos já era expressiva na região. Em contrapartida, os estrangeiros e seus descendentes apareciam no setor de produção e foram se adensando progressivamente no comércio. Também colaboraria com estudos históricos a leitura de seções com informações detalhadas sobre dias, horários e percursos de trens, bondes, diligências e vapores, de fechamento da mala postal, de tarifas muito detalhadas dos correios e telégrafos, de impostos por produtos, das taxas de câmbio (pode-se supor, pelas tabelas de câmbio, que o Paraná mantinha comércio com muitos países. Em 1896 aparecem libra, franco, marco, réis forte, peso oriental, peso argentino e dólar. Em 1899 acrescenta-se *penny* e *shilling*, além de o marco vir registrado como *Reichmark*). Eventualmente essa tabela era acrescida de explicações sobre como fazer conversão, sobre cálculo de juros e frações em decimais. Parecia haver uma obsessão por tabelas, talvez efeito das intenções científicas do positivismo. Resultados de censos e estatísticas fazem parte do mesmo quadro.

Em publicação tão preocupada com a informação, chama a atenção

a ausência de notícias sobre ofícios religiosos. Assunto de religião praticamente limitava-se ao registro dos santos do dia e à relação dos dias santificados. Os simbolistas tinham o gosto pelo ritual, mas nesse aspecto parece que o positivismo levou a melhor na orientação do *Almanach do Paraná*. Vale lembrar que esses intelectuais eram, além de positivistas, maçons e anticlericais (MARTINS, 1978, p. 279-280). Certamente, essa postura não correspondia às crenças e hábitos da população.

Nem é preciso dizer que a presença de nomes femininos é inexpressiva entre colaboradores, em geral restritos à “Parte Literária”, e mesmo aí em número reduzido. Na listagem de profissionais e na propriedade de casas comerciais é ainda mais raro. Eventualmente encontrava-se “Viúva fulano de tal”, em comerciais. Mesmo falecido, era o nome do *pater familias* que valia. Mulheres que apareceram nas indicações profissionais são identificadas pelo nome de família, caso das “irmãs Perracini”, modistas. Em 1913 surge parte inédita, sob o título “Administração do Estado”, contendo o registro de todas as funções e respectivos ocupantes. No item “Professores públicos” aparecem enfim muitos nomes de mulheres. A docência se profissionalizava e contava com a possibilidade de emprego público, talvez o único acessível a mulheres. Nome que assinou poema já no primeiro ano, Mariana Coelho, em 1901, publicou artigo denominado “A última palavra em democratismo”. A reivindicação era por igualdade. Mais adiante, por um anúncio publicitário do ano de 1906, identifica-se a autora como fundadora e diretora de estabelecimento de ensino, onde “se ministra à infância de ambos os sexos a instrução primária e secundária [...] e se preparam alunas para a admissão à matrícula da Escola Normal.” E mais: “tem uma aula diária de duas horas para o ensino de variados trabalhos de agulha.” (s/p). Ou seja, atividades femininas!

No entanto, o *Almanach* não foi totalmente imune aos ventos que, décadas mais tarde, resultariam nos movimentos feministas. A partir do mesmo ano de 1906, quando nomes de poetas simbolistas rarearam na parte literária, há mais poemas de mulheres, bem como foram publicados textos que, se não discutiam exatamente, pelo menos tinham em vista a situação da mulher. É verdade que a tônica dominante era que a mulher deveria ser mais culta para assim melhor criar os filhos. Ou seja, deveriam continuar exercendo o papel que lhe cabia, de mulheres, cuidadoras do lar. Nem por isso atenuou-se o machismo nas anedotas, ou chistes, para usar vocabulário da época. Percebe-se que, no mesmo período, o projeto paranista foi dando lugar a publicação mais variada. Além de novos assuntos, o número de versos, charadas, aforismos, logogrfos, enigmas e ditos passaram a ter presença mais efetiva, permeando todo o volume. Vale lembrar que em 1905 ocorrera mudança de redator.

Outro aspecto a merecer abordagem especializada diz respeito às

ilustrações. À parte a variedade de tipos gráficos dos títulos e o uso de vinhetas, prática corrente nas revistas simbolistas, nos dois primeiros números o uso de imagens ficou restrito aos anúncios, com uma exceção. No primeiro ano há reprodução de apenas uma fotografia, referente ao fato histórico então recente, a Revolução Federalista (1893), que marcou profundamente a região. A imagem é antecedida e sucedida por longos textos sobre a história do Paraná, em conformidade com a proposta anunciada no texto de apresentação. A propósito, a intenção de dotar o Paraná de uma identidade determinou a proliferação de textos informativos, sobretudo nos anos iniciais, muitos na forma de listagens. Além das já referidas como constante, apareciam ainda outras eventuais, sobre diversos aspectos da capital e do estado, onde constavam ruas, edifícios, pontes, estradas em construção, colônias etc. A partir de 1900 anunciou-se já na página de rosto: “Ilustrado como finíssimas fotogravuras”. A reprodução de fotografias de cidadãos de projeção na sociedade, de edifícios – pelo caráter simbólico ou pela arquitetura – de praças, de ruas e de paisagens rurais multiplicou-se gradativamente, reforçando ou ampliando a ideia que se pode resumir como programa que promovia o conhecimento e o reconhecimento do espaço paranaense. Outra faceta do mesmo projeto foi a publicação de uma série de artigos intitulada “Pátria selvagem”, cuja temática era a população indígena do estado: etnias, levantamento de população, comentários sobre línguas, lendas.

A despeito da obsessão pelo que compunha o estado do Paraná, o *Almanach* não merecia ser taxado de xenófobo. Como é próprio de almanaques, publicavam-se matérias de variadas ordens, inclusive fotos, dando notícias ou informações do que ocorria em outras terras, sobretudo aquelas com potencial para despertar curiosidade, pelo exotismo ou bizarria.

Reservou-se para a finalização comentários sobre presença indefectível nessa modalidade de publicação, o calendário, ou melhor, calendários. Fica evidente que, ao longo do tempo, o *Almanach* foi buscando modelo mais funcional para apresentar calendário. No primeiro ano não há um calendário, no formato de tabela, tal como o conhecemos. Aparece em seções. A primeira referência a datas, sob o título geral “Notas e informações”, é subdividida em quatro subtítulos: “Dias de festa nacional”, “Feriados forenses” e as curiosas “Notas cronológicas”. Nestas, o primeiro registro refere à criação do mundo, há 7095 anos, chegando à Proclamação da República, há 5 anos, donde se conclui que o ano 1 é o do surgimento do *Almanach*. O último subtítulo é autoexplicativo, ensina calcular “Dias compreendidos entre duas datas”. Na sequência estava serviço de grande utilidade pública: “Tabelas das épocas da cobrança dos impostos municipais da Capital”. Depois de mais um serviço de utilidade pública aparece, enfim, o calendário, mas não tem formato adequado a consulta rápida. Praticamente

descritivo, inclui “Santos e efemérides nacionais”, estendendo-se por 39 páginas. O aspecto mais interessante desta seção é o horóscopo, que aparece ao final de cada mês, como se o período astrológico coincidissemos perfeitamente com o mês do calendário gregoriano. Vale selecionar alguns signos para uma passada de olhos, pela dose de hilaridade. Tudo leva a crer que foi uma blague do redator. O texto não trazia previsões, mas o modo de ser dos nascidos sob cada signo, sem favoritismo, sem atenuantes para os aspectos negativos.

Veja-se Câncer, pela graça:

Câncer – Hércules mordido quando matava a hidra de Lerna. – Dados a processos e enredos dissolutos, libertinos, escravos dos seus menores caprichos, considerando sempre os seus deuses por mais pícaros que sejam, superiores á razão taes são os que nascem sob este signo que é dos mais desfavoráveis, pois que se não é nocivo aos próprios é muito prejudicial as pessoas das suas relações. As mulheres, mais privilegiadas, como sempre acontece, são de magnifica beleza, grande atividade, laboriosas, tímidas e prudentes, mas não deixam de ser curiosas, caprichosas e estão expostas á falsidade até certo limite.

Escorpião, pela dureza:

Escorpião – de Orion, metamorfoseado em Escorpião por Diana. – Os homens, pertencentes a este signo, são atrevidos, temerários, mesmo cínicos, mas têm o dom de dissimular seus defeitos sob aspecto amável, enganando quantos conhecem. Bem farão as raparigas em desconfiar do que dizem. Alegres, de humor muito jovial, costumam tornar-se melancólicos, quando não estão acompanhados. As mulheres teimosas e falazes, são pérfidas, dissimuladas, pensam sempre mal, e zombam do próximo. Parecem e são muito afáveis, embora não sejam boas; com a idade tornam-se tristes, taciturnas e más.

Os nascidos sob o signo de sagitário são mais favorecidos, mas nem por isso livres de defeito:

Sagitário – Aquiles a servir-se do arco. – Os homens, nascidos sob esta constelação, possuem vigoroso temperamento, grande agilidade, que os tornam aptos a

qualquer exercício corpóreo; tem bom natural, dom que facilita sólidas relações. São justos, sociáveis, laboriosos, e o amor próprio completa suas excelentes qualidades. As mulheres são de espírito inquieto, afeiçoadas às viagens e aos passeios bem como ao trabalho. São piedosas e caridosas, têm bom coração, como os homens, e subtil engenho: mas o sabem, e a presunção constitui seu principal defeito.

No ano seguinte há apenas a indicação da data da “Entrada do Sol nos signos do Zodíaco”. Seria difícil manter esse tipo de verve, se foi, de fato, uma brincadeira. Ou talvez o horóscopo tenha sido banido por uma espécie de censura positivista, visto que mesmo calendário do zodíaco desapareceu nos anos subsequentes.

No segundo ano – vale lembrar que só foi publicado três anos depois – percebe-se que o calendário vai como que se especificando, ou especializando. Desdobra-se em “Festas nacionais”, “Festas estaduais” (contempla todos os estados), “Cronologia Nacional”, “Entrada das estações”, “Férias forenses”, “Dias santificados”. Até então é como se fosse o desmembramento do que já se registrava em 1896. Seguem-se informações sobre serviços de utilidade pública. Na sequência, há alterações. A primeira foi indicar a apresentação de “Calendários gregoriano e positivista”. O calendário gregoriano é, afinal, o que conhecemos, usamos. Este aparece com o santo do dia, ocupando uma página para cada mês:



Segue-se o registro da entrada das estações, dos eclipses, dos horários de nascimentos e ocasos do sol no Paraná. Na sequência há uma nota sobre a implantação do calendário gregoriano em Portugal. Depois da listagem dos “dias santificados”, apareceu a segunda novidade, calendário tal qual estamos acostumados. Ou quase igual. A orientação é pela semana na vertical. Curioso é o uso do termo “esboço”:

Esboço do anno

11

	<i>Janeiro</i>	<i>Fevereiro</i>	<i>Março</i>
Domingo . . .	1 8 15 22 29	- 5 12 19 26	- 5 12 19 26
Segunda . . .	2 9 16 23 30	- 6 13 20 27	- 6 13 20 27
Terça . . .	3 10 17 24 31	- 7 14 21 28	- 7 14 21 28
Quarta . . .	4 11 18 25	1 8 15 22	1 8 15 22 29
Quinta . . .	5 12 19 26	2 9 16 23	2 9 16 23 30
Sexta . . .	6 13 20 27	3 10 17 24	3 10 17 24 31
Sabbado . . .	7 14 21 28	4 11 18 25	4 11 18 25
	<i>Abril</i>	<i>Maió</i>	<i>Junho</i>
Domingo . . .	2 9 16 23 30	- 7 14 21 28	- 4 11 18 25
Segunda . . .	3 10 17 24	1 8 15 22 29	- 5 12 19 26
Terça . . .	4 11 18 25	2 9 16 23 30	- 6 13 20 27
Quarta . . .	5 12 19 26	3 10 17 24 31	- 7 14 21 28
Quinta . . .	6 13 20 27	4 11 18 25	1 8 15 22 29
Sexta . . .	7 14 21 28	5 12 19 26	2 9 16 23 30
Sabbado . . .	1 8 15 22 29	6 13 20 27	3 10 17 24
	<i>Julho</i>	<i>Agosto</i>	<i>Setembro</i>
Domingo . . .	2 9 16 23 30	- 6 13 20 27	- 3 10 17 24
Segunda . . .	3 10 17 24 31	- 7 14 21 28	- 4 11 18 25
Terça . . .	4 11 18 25	1 8 15 22 29	- 5 12 19 26
Quarta . . .	5 12 19 26	2 9 16 23 30	- 6 13 20 27
Quinta . . .	6 13 20 27	3 10 17 24 31	- 7 14 21 28
Sexta . . .	7 14 21 28	4 11 18 25	1 8 15 22 29
Sabbado . . .	1 8 15 22 29	5 12 19 26	2 9 16 23 30
	<i>Outubro</i>	<i>Novembro</i>	<i>Dezembro</i>
Domingo . . .	1 8 15 22 29	- 5 12 19 26	- 3 10 17 24 31
Segunda . . .	2 9 16 23 30	- 6 13 20 27	- 4 11 18 25
Terça . . .	3 10 17 24 31	- 7 14 21 28	- 5 12 19 26
Quarta . . .	4 11 18 25	1 8 15 22 29	- 6 13 20 27
Quinta . . .	5 12 19 26	2 9 16 23 30	- 7 14 21 28
Sexta . . .	6 13 20 27	3 10 17 24	1 8 15 22 29
Sabbado . . .	7 14 21 28	4 11 18 25	2 9 16 23 30

Actualmente o espirito humano aperfeiçoou-se na arte..... de lograr.
Mario Rotins.

Enfim, o anunciado calendário positivista, antecedido da fonte e com explicações. O “eu” do texto explicativo deve ser o do redator:

Calendario Pozitivista

12 |

Ao illustre Sr. Miguel de Lemos, director do sabio *Apostolado Pozitivista do Brazil*, solicitamos venia para transcrever aqui a advertencia sob a sua assignatura feita em a edição do Calendario Pozitivista.
Ella nos é muito necessaria como nota explicativa.

* ADVERTENCIA

O calendario positivista divide-se em treze mezes iguais de 28 dias ou quatro semanas cada um, i mais un dia complementar, o ultimo do ano, consagrado á comemoração jeral dos mortos. Nos anos bissestos ajunta-se a este mais un dia, que Augusto Comte dedicou ás mulheres santas.

A era provizoria positivista, atualmente em uzo, começa a 1o de Janeiro de 1789.

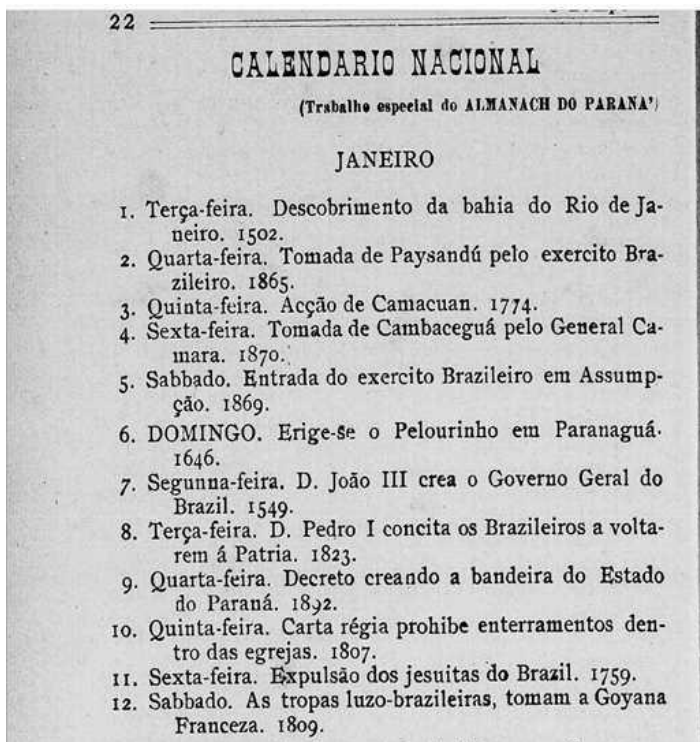
As iniciaes *L, M, M, J, i V*, colocadas diante dos cinco primeiros dias de cada semana, referen-se aos novos nomes propostos por mim, afin de armonizar neste ponto a nossa lingua com as instituições do culto positivista. Esses novos nomes, imitados dos correspondentes da lingua italiana, são: *Lunedia, Martedia, Mercuridia, Jovedia, i Venerdia*. Nas notas á minha tradução do *Catecismo Pozitivista* encontrará o leitor os fundamentos desta inovação necessaria.

Os nomes inscritos em italico deizgnão adjuntos que, nos anos bissestos, substituem os tipos correspondentes.

Segue-se o calendário propriamente dito. Vale a colagem de uma página, pela raridade e pela curiosidade:

Est. Pozitivista	PRIMEIRO MÊS	Est. Pozitivista	SEGUNDO MÊS
	MOIZÊS		OMERO
	A TEOCRACIA INICIAL		A POEZIA ANTIGA
L. 1	Prometen . . . <i>Cadmo</i>	L. 1	Eziodo
M. 2	Ercules <i>Teseu</i>	M. 2	Tirteu <i>Safo</i>
M. 3	Orfeu <i>Tirzeias</i>	M. 3	Anacronte
J. 4	Ulisses	J. 4	Pindaro
V. 5	Licurgo	V. 5	Sofocles . . . <i>Euripides</i>
S. 6	Romulo	S. 6	Teocrito <i>Longo</i>
D. 7	Numa	D. 7	Esquilo
L. 8	Bel <i>Semiramis</i>	L. 8	Escopas
M. 9	Sezostris	M. 9	Zeuxis
M. 10	Maná	M. 10	Ictino
J. 11	Ciro	J. 11	Praxiteles
V. 12	Zoroastro	V. 12	Lizipo
S. 13	Os Druidas . . <i>Ossian</i>	S. 13	Apeles
D. 14	Buda	D. 14	Fidias
L. 15	Fu-Hi	L. 15	Ezopo <i>Pilpai</i>
M. 16	Lau-Tseu	M. 16	Plauto
M. 17	Meng-Tseu	M. 17	Terencio . <i>Menandro</i>
J. 18	Os teocratas do Tibet	J. 18	Fedro
V. 19	Os teocratas do Japão	V. 19	Juvenal
S. 20	Manco-Capac . <i>Tamea</i>	S. 20	Luciano
D. 21	Confucio <i>Améa</i>	D. 21	Aristofanes
L. 22	Abraão <i>Jozé</i>	L. 22	Enio
M. 23	Samuel	M. 23	Lucrecio
M. 24	Salomão <i>Davi</i>	M. 24	Oracio
J. 25	Izaías	J. 25	Tibulo
V. 26	S. João Batista	V. 26	Ovidio
S. 27	Arun-al-Raxid . <i>Abda</i>	S. 27	Lucano
D. 28	Maomé <i>rdman III</i>	D. 28	Virjilio

O denominado “Calendário nacional”, que apareceu em 1901, também merece uma vista d’olhos, por certa desestabilização que produz no leitor. Com o registro de acontecimentos de cada dia, independente do ano da ocorrência, a cronologia parece não apenas subvertida, mas ignorada. Não há registro de mais de um evento por dia, mas todos os dias são citados, o que faz com que fatos de magnitude muito diferentes apareçam no mesmo plano. Por exemplo, 1549 está ao lado de 1823, uma batalha decisiva da Guerra do Paraguai e a proibição de enterros dentro das igrejas ficavam no mesmo patamar:



A “Agenda mágica”, de 1902, também merece atenção, pela convivência de assuntos de extrações muito diversas:

—AGENDA MAGICA—

(1902—1903)

(Organizada para o *Almanach do Paraná*)

1902

—MARÇO—

21. Colhe-se a *Verbena*. Influencia de *Jehiel*.
22. Influencia de *Sitael*. 1417 Morte de N. Flammel.
23. Consagração das pedras gamateas (pyrite).
24. Confeção dos talismans de amor.
25. Confeção dos talismans de *Marte*.
26. Influencia de *Akaiah*.
27. 1803. Nasce o celebre magnetizador Lafontaine.
28. 1515. Nasce Santa Thereza. Influencia de *Hazul*.
29. 1672. Morte de Swedenborg, mystico.
30. Genios do Decan, Chontarê, Senacher.
31. 1869. Morte de Allan-Kardec.

—ABRIL—

1. Influencia de *Cezatel*.
2. Influencia de *Menabel*.
3. Influencia de *Hariel*.
4. 1395. Nasce Georges Trapesuntus.
5. 1772. O duque de Chartres aceita o Grão Mestrado
Maç.:
6. Influencia de *Catiel*.
7. 1791. Cagliostro é condemnado á morte pela Inquisição.
8. 1849. Nasce Durville, celebre magnetizador.
9. Genios do Decan: Scket, Asentacer.
10. 1885. Morre Cahagnet, auctor da *Magia Magnetica*.
11. 1893. Morre A. Franck, do Instituto, celebre-auctor da
Kabbala.

Uma última anotação sobre o assunto. Era corrente o calendário do criador, uma detalhada tabela com indicação do período de gestação e incubação de égua, vaca, ovelha e cabra, porca, galinha, perua e pata. Essa era uma prática corriqueira em almanaques. Singular foi o que aconteceu em 1904. Tal tabela foi antecedida por outra, surpreendente, para os mores da época: calendário da gravidez. Oferecia-se primeiro a explicação:

Calendario da Gravidez

Os mezes em typos *romanos* indicam a ultima epoca das regras ; os mezes em typos ordinarios, que se acham por baixo, indicam quando o parto terá lugar.

Exemplos:

- 1.º Ultimas regras: 1 de Janeiro.
Parto: 8 de Outubro.
- 2.º Ultimas regras: 16 de Fevereiro.
Parto: 23 de Novembro.
- 3.º Ultimas regras: 25 de Julho.
Parto: 1 de Abril.

Seguia-se a tabela propriamente dita:

Calendario da Gravidez		
JANEIRO . . . Outubro . . .	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31	Novembro
FEVEREIRO . . . Novembro . . .	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29	Dezembro
MARÇO . . . Dezembro . . .	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31	Janeiro
ABRIL . . . Janeiro . . .	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31	Fevereiro
MAIO . . . Fevereiro . . .	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28	Março
JUNHO . . . Março . . .	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31	Abril
JULHO . . . Abril . . .	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31	Maió
AGOSTO . . . Mato . . .	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31	Junho
SETEMBRO . . . Junho . . .	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30	Julho
OUTUBRO . . . Julho . . .	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31	Agosto
NOVEMBRO . . . Agosto . . .	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31	Setembro
DEZEMBRO . . . Setembro . . .	1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31	Outubro

Constava ainda no ano seguinte, mas desapareceu na seqüência. A moral da época deve ter cobrado compostura do redator. Uma publicação a que toda a família tinha acesso não poderia tratar desabridamente de assunto tão privado. O ensinamento sobre como evitar a vergonha maior, a gravidez fora da união conjugal, deixaria ao alcance das moças de família informações que poderiam levá-las a práticas que não lhes eram recomendadas, para dizer o mínimo.

A leitura do *Almanach* revelou uma cornucópia de possibilidades de abordagem, que exige não só muito mais tempo de desenvolvimento, como também profissionais com formação específica. Mesmo os dois objetivos anunciados, decorrentes da impressão inicial quanto às potencialidades do material – a percepção da busca pelo modo de construir um almanaque e dos mecanismos da construção de identidade de uma população – não foram esgotados. Por ora, o efeito, sobretudo para quem é treinado na leitura de ficção histórica, é um mergulho temporal e espacial: na passagem do século XIX para o XX, no cenário paranaense.

REFERÊNCIAS

Almanach do Paraná. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/almanach-parana/214752>. Acesso em: 20 abr. 2023.

BALHANA, Altiva Pilatti; MACHADO, Brasil Pinheiro; WESTEPHALEN, Cecília Maria. *História do Paraná*. Curitiba: Grafipar, 1969. v. 1

BRASIL, Bruno. Almanach do Paraná. In: *Revistas Curitibanas: 1900-1920*. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/artigos/almanach-do-parana-commercio-historia-e-litteratura/> Acesso em 25 abr. 2023

FIUZA, Alexandre Felipe; DUTRA, Stefany. O Almanaque do Paraná e a construção do Paranismo (1900-1930). *Nação, povos e territórios – configurações e reconfigurações*. XVIII Encontro Regional de História da ANPUH-PR. Foz do Iguaçu, 2022. Disponível em [//efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.encontro2022.pr.anpuh.org/resources/anais/14/anpuh-pr-erh2022/1667169267_ARQUIVO_73823c0b93131f33d83c99d75bee67dc.pdf](https://www.encontro2022.pr.anpuh.org/resources/anais/14/anpuh-pr-erh2022/1667169267_ARQUIVO_73823c0b93131f33d83c99d75bee67dc.pdf) f. Acesso em: 10 maio 2023

EL-KHATIB, Faissal. *História do Paraná*. Curitiba: Grafipar, 1969. v. 4

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. (1987-1914). São Paulo: Cultrix: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978. v. 5

MOISÉS, Massaud. *O simbolismo* (1893-1902). 4 ed. São Paulo: Cultrix, 1973. (A literatura brasileira). v. 4.

Pallivm. Revista de Arte. Cvrityba, out. 1898. Ed. Facsimilar Secretaria da Cultura e do Esporte, Curitiba, 1982.

TREVISAN, Dalton. Em busca de Curitiba Perdida. *Em busca de Curitiba perdida*. Rio de Janeiro: Record, 1992. p. 7-9.

Recebido em: 5 set. 2023

Aprovado em:30 out. 2023